

ARTE MUDEJAR NA MADEIRA

A PIA BAPTISMAL DA MATRIZ DA PONTA DO SOL

texto de *JOÃO LIZARDO*



Não obstante a pia baptismal da Igreja Matriz da Ponta do Sol ser frequentemente referida nos «roteiros artísticos» da Região, supomos não existir qualquer estudo sobre a mesma e daí a razão das presentes notas, numa abordagem que se espera que venha a ser continuada, dado o interesse e o carácter inédito no nosso país deste tipo de peças em cerâmica.

Antes de passarmos à descrição sucinta da referida pia baptismal, terá algum interesse fazer uma breve chamada de atenção para um dos elementos decorativos, pois, a figuração fruste e simplificada de uma mão, impressa, na sua superfície, tem clara origem na representação da «mão de Fátima» (a filha de Maomé), característica da cerâmica árabe. Tal figura, constitui por isso como que uma verdadeira assinatura no que toca à origem estilística desta peça.

Iniciando a sua descrição, será de referir que apresenta a forma de cálice, habitual na generalidade das pias baptismais do país, sendo constituída por dois corpos, um pé oco com cerca de 48 cm de altura e uma taça, que encaixa no pé e que apresenta uma altura aproximadamente igual, tendo 84 cm de diâmetro máximo na sua boca.

A pasta, numa observação superficial, apresenta-se como homogénea, de cor vermelha clara acizentada e, nas faces exteriores, está totalmente coberta de vidrado de cor verde intensa comum em cerâmica da mesma época e cuja utilização permaneceu até aos nossos dias na loiça popular dalgumas zonas do país (sobretudo no Centro).

Não obstante tratar-se de um vidrado relativamente fácil de obter e sem grandes apuros técnicos, o efeito visual resulta bastante agradável, para não dizer mesmo, bonito.

A decoração, que cobre inteiramente o pé e o

corpo da taça, consiste em cordões separando diversas zonas decorativas, em geral decorados com incisões denteadas dispostas em bandas regulares e, nas zonas intermédias, motivos em relevo ou estampilhados.

As estampilhas, pela forma desordenada como se apresentam, foram obtidas pela aplicação de uma matriz em vez do rolete que permitiria uma aplicação mais regular e perfeita.

Quanto à decoração relevada é de supôr que tenha sido aplicada com moldes.

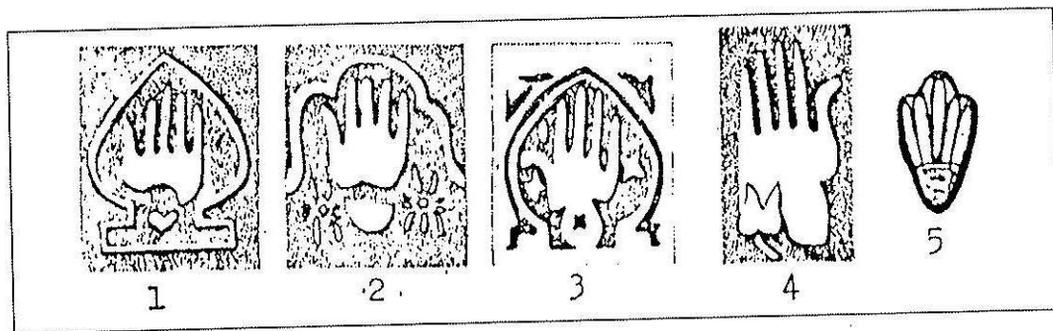
E, a diferenciação entre os dois tipos de decoração, constitui a característica mais interessante desta peça.

Com efeito, por um lado, a decoração em relevo utiliza motivos típicos do gótico, como os botões, os cachos de uvas e ainda cordas com nós que decoram duas fiadas do pé e uma fiada na base da taça e que são talvez o elemento mais cuidadosamente reproduzido nesta peça. Este motivo decorativo, geralmente esculpido em pedra, é muito típico da «arte manuelina», e, na Região, poder-se-á observar a sua intensa aplicação na pedra da pia baptismal da Matriz da Ribeira Brava.

Mas, por outro lado a decoração estampilhada que predomina em toda a superfície, tem uma origem caracteristicamente árabe.

Como inicialmente referimos, um dos motivos obtidos pela impressão no barro de uma matriz gravada, é uma mão, já muito estilizada, que constituía um motivo estampilhado representando um dos poucos elementos figurativos da arte muçulmana, e que, em Portugal, é conhecido através de um fragmento encontrado no poço-cisterna de Silves e atribuído ao período da ocupação árabe.

Os restantes motivos estampilhados apresentam



ESTAMPILHAS com o motivo da "mão de Fátima" - 1,2: Sevilha; 3 - Toledo; 4 - poço cisterna de Silves (in "Cerâmicas Estampilhadas"); 5 - pia baptismal da Ponta do Sol (tamanho natural).

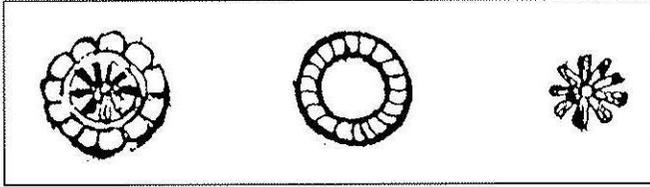
três tipos diferentes de rosetas, com diâmetro entre os 10 e os 17 mm e eram também de uso habitual na decoração da cerâmica árabe.

Todos estes motivos estampilhados para além de três filas no corpo da taça encontram-se profusamente aplicados em toda a peça sem qualquer ordem, preenchendo os espaços existentes entre as restantes decorações em relevo.

Também neste aspecto, é fácil detectar o para-

época bastante posterior, como é demonstrado pelos motivos decorativos «manuelinos» que coexistem com a estampilhagem de tradição árabe, não deixando dúvidas de que se trata de um excelente exemplo da simbiose entre a arte árabe e a arte europeia medieval que caracteriza o estilo mudejar.

Em Espanha, as pias baptismais de cerâmica foram bastantes vulgares nos finais da Idade Mé-



ESTAMPILHAS da pia baptismal da Ponta do Sol

lelismo com a cerâmica árabe peninsular.

«...cerâmica com estampilhados, também circulares, de várias dimensões, impressas sem ordem aparente, oferecem características comuns às produções mudejares que atingem o século XVI...»

É próprio deste momento (sécs. XIII-XIV) a decadência dos processos técnicos... São estampilhados com motivos muito simples, ...tentando preencher, desordenadamente, o vazio das superfícies...» (1)

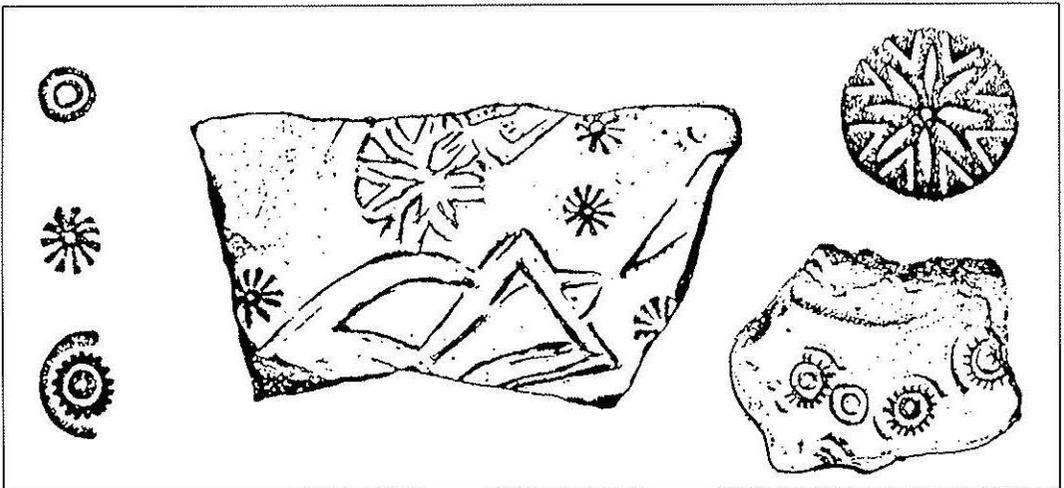
Embora a decoração da pia baptismal da Ponta do Sol corresponde a estas características, pode-se afirmar com segurança que pertence a um

dia:

«Devido às suas fortes paredes conservaram-se bastantes, no entanto, para além de se terem produzido também em Sevilha grandes pias baptismais, existem outras de que não se sabe com certeza o seu centro produtor. É atribuído a Toledo um bom número...»

(Luís M. Lluviá «Cerâmica Medieval Española», pág. 141, Collection Labor, Barcelona, 1967).

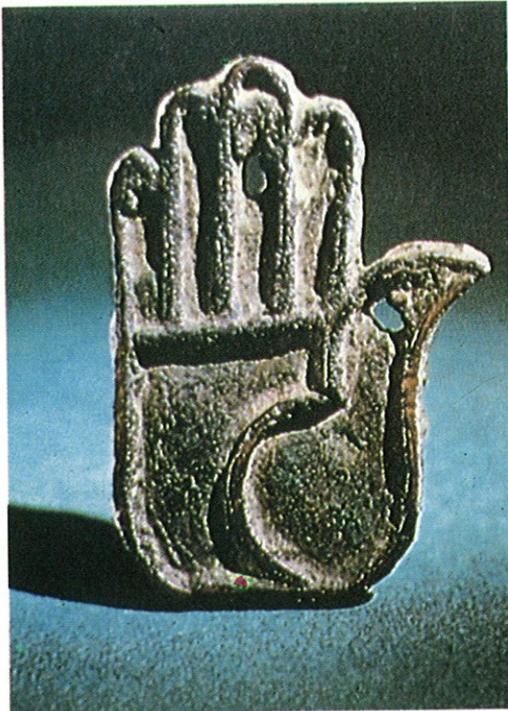
No entanto, tal produção, ou não chegou a obter difusão no nosso país ou, entretanto, perderam-se todos os exemplares que teriam existido nessa época.



ESTAMPILHAS provenientes do poço cisterna de Silves.



Ainda sob o ponto de vista descritivo, resta referir que duas das fileiras verticais de botões aplicados no pé são diferentes dos restantes, apresentando um desenho em rosácea de elaboração mais requintada, e que, em relevo, se aproxima muito do negativo estampilhado existente num



Mão de Fátima (bronze)
Museu Arqueológico

fragmento de cerâmica do poço - cisterna de Silves. Um outro boão, também aplicado no pé da pia, tem dimensões superiores aos demais e uma base destacada.

Esta anarquia de formas vem confirmar o carácter decadente e degradado deste tipo de peças que já se encontrava muito afastada das suas raízes originárias.

Não se tendo encontrado quaisquer dados sobre o local de fabrico e origem desta peça, embora tradicionalmente se atribua uma origem espanhola (v.g. Sevilha, Toledo ou Valência) a toda a cerâmica mudejar, não seria inviável a hipótese de ter sido fabricada em território português, até porque, num ou noutro país, os artífices não deixariam de ter origens árabes.

De qualquer forma, a pia baptismal da Ponta do Sol para além de uma vincada influência árabe (provavelmente de carácter arcaizante...), apresenta o grande interesse de constituir uma peça única no seu género de país e que, porventura, com exclusão dos fragmentos recolhidos em escavações representará uma das cerâmicas mais antigas ou melhor, a mais antiga que em Portugal permaneceu em uso até aos nossos dias.

NOTAS

(1) - Rosa e Mário Varela Gomes, «Cerâmicas Estampilhadas Muçulmanas e Mudejares do Poço - Cisterna de Silves», comunicação ao «I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana - Setúbal 1985», publicação do IPPC, «Trabalhos de Arqueologia=03».

ALGUMAS NOTAS ADICIONAIS SOBRE A PIA BATISMAL DA PONTA DO SOL

Texto de *JOÃO LIZARDO*

Ao redigir-se o artigo sobre a pia baptismal da Igreja Matriz da Ponta do Sol publicado no anterior número da «ATLÂNTICO», não se teve qualquer pretensão de apresentar um estudo aprofundado sobre aquela peça, mas, tão sómente chamar a atenção para uma obra única no nosso país e de que não se conhecia qualquer abordagem publicada.

Por isso, tal artigo estava sujeito ao risco de apresentar todo o tipo de lacunas.

Que, pouco tempo após o mesmo ter sido escrito, se vieram a revelar, ao constatar-se que existia pelo menos uma outra peça idêntica à da Ponta do Sol, que se encontra na Igreja de La Concepcion, em La Laguna na Ilha de Tenerife e que justifica estas notas.

Trata-se de uma pia batismal que, no que toca ao tipo de cerâmica, côr e qualidade do vidrado, dimensões, formato e alguns motivos decorativos é praticamente igual à pia baptismal da Matriz da Ponta do Sol.

A pia de La Laguna diferencia-se da «madeirense» no que diz respeito ao pé que é decorado com relevos em espiral e no que toca a alguns motivos decorativos, pois, embora sejam utilizados botões e cachos de uvas iguais em desenho e dimensões aos da Ponta do Sol, não apresenta qualquer decoração estampilhada e apenas motivos relevados, que, para além dos já mencionados, incluem cachos de uva de grandes dimensões e pequenas rodela aonde se inserem uma pomba (?), uma cabeça de leão ou uma cruz, motivos mais requintados e com maior simbologia cristã do que os utilizados na peça da Ponta do Sol, de onde, a bem dizer, a simbologia cristã se encontrava algo arredada, em contraposição com uma clara simbologia de origem muçulmana (mão-de-Fátima).

Sendo flagrantes as semelhanças entre as duas peças, afiguram-se altamente significativas estas diferenças.

A inexistência de motivos estampilhados em La Laguna vem confirmar o que já anteriormente se afirmara quanto ao carácter arcaizante



e forte influência árabe revelados na pia da Ponta do Sol.

Por outro lado, em La Laguna está também ausente um motivo decorativo em relevo utilizado na Ponta do Sol e que usualmente é considerado como típico da «arte manuelina», as cordas com nós.

Estas diferenças não atenuam as dúvidas sobre o local de fabrico da peça da Ponta do Sol.

Parecendo lógico que, dada a sua semelhança, ambas as pias tenham a mesma origem, apesar de se afigurar mais provável o seu fabrico em território espanhol, não é de excluir totalmente que tenham sido feitas em Portugal, pelas razões que apontámos no artigo anterior e atendendo à normal presença nessa época, na Ilha de Tenerife, de objectos de arte portuguesa.

Diga-se por fim que embora se encontre em local de destaque na belíssima Igreja de La Concepcion, o estado de conservação da pia de La Laguna é muito pior (grandes fracturas e falta de pedaços nos bordos) do que o da sua congénere da Ponta do Sol.